

Produção de Grãos – Feijão, Milho e Soja

Tabela 1 – Produção de feijão no Brasil, por regiões e estados selecionados

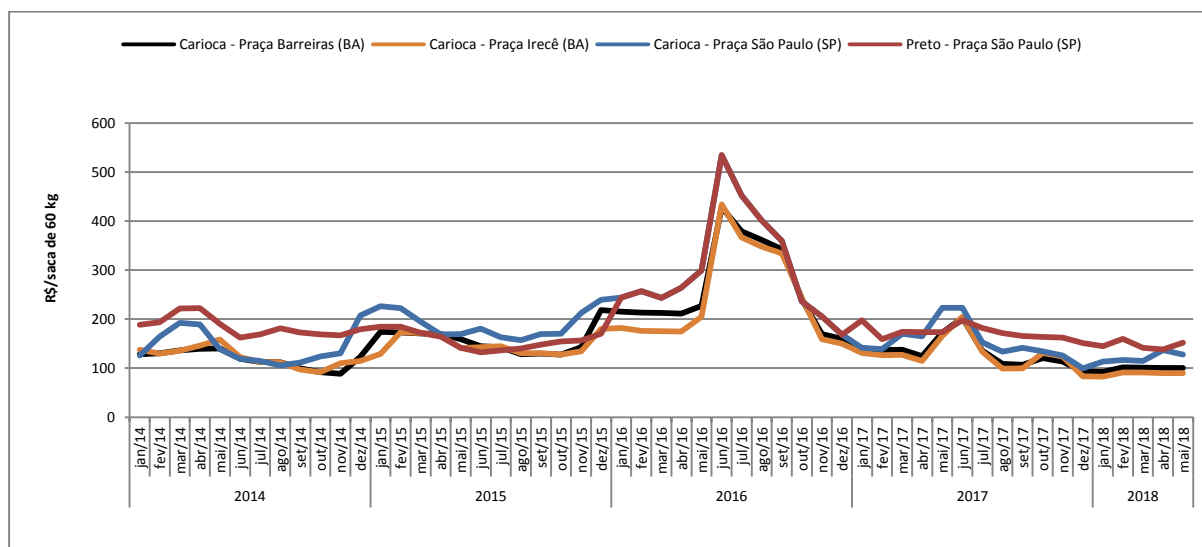
REGIAO/UF	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18 (¹)
NORTE	81,9	141,7	124,0	104,7	77,5	71,4	77,1	130,6	102,9
NORDESTE	698,1	961,1	289,3	425,3	674,1	644,0	338,4	679,1	710,5
MA	28,0	51,1	27,4	41,4	46,1	49,0	39,3	56,7	57,4
PI	34,1	85,0	36,5	26,2	66,0	77,2	31,0	70,3	82,8
CE	84,5	259,6	32,9	66,2	132,5	87,0	58,4	118,8	122,7
RN	8,0	33,7	1,9	3,5	11,2	5,4	6,4	12,4	15,4
PB	3,7	44,7	2,9	19,3	21,3	9,7	12,4	28,4	30,6
PE	88,5	161,5	33,8	46,3	87,4	84,1	43,5	58,0	91,7
AL	33,8	31,5	16,6	15,3	21,5	24,4	8,2	20,8	18,0
SE	27,1	31,1	19,7	17,9	23,5	11,0	1,7	13,2	10,3
BA	390,4	262,9	117,6	189,2	264,6	296,2	137,5	300,5	281,6
CENTRO-OESTE	493,2	575,8	603,0	582,7	872,9	838,1	558,8	836,5	893,3
MT	120,9	234,8	224,4	294,5	535,0	533,1	234,0	414,0	441,7
GO	288,8	260,1	308,1	236,1	263,4	241,7	284,4	343,0	368,5
SUDESTE	972,1	948,5	1.012,8	815,8	773,2	706,7	710,1	810,6	806,2
MG	623,7	582,3	663,7	564,8	574,9	512,4	520,0	535,0	535,9
SP	318,6	348,0	330,9	235,6	183,6	179,2	177,3	261,9	253,3
SUL	1.077,2	1.105,6	889,3	877,8	1.056,0	950,0	828,5	942,7	885,2
PR	794,2	821,2	677,9	658,4	808,9	720,2	588,6	710,5	651,5
SC	167,7	160,5	117,3	124,7	144,2	139,1	118,0	136,7	127,1
RS	115,3	123,9	94,1	94,7	102,9	90,7	122,0	95,5	106,6
NORTE/NORDESTE	780,0	1.102,8	413,3	530,0	751,6	715,4	415,5	809,7	813,4
CENTRO/SUL	2.542,5	2.629,9	2.505,1	2.276,3	2.702,1	2.494,8	2.097,4	2.589,8	2.584,7
BRASIL	3.322,5	3.732,8	2.918,4	2.806,3	3.453,7	3.210,2	2.512,9	3.399,5	3.398,1

Fonte: CONAB (2018b).

Nota: (¹) previsão, em maio.

O Paraná é o maior produtor de feijão brasileiro (previsão de 651,5 mil toneladas para a atual safra), seguido por Minas Gerais (535,9 mil toneladas), Mato Grosso (441,7 mil toneladas) e Goiás (368,5 mil toneladas). A produção paranaense corresponde a 92% da produção nordestina e é 6 vezes a produção do Norte. A Bahia (previsão de 281,6 mil toneladas) é o quinto produtor nacional e o maior nordestino. A produção de feijão, no período 2009-2010 a 2016-2017, reduziu-se em nove estados e três regiões, mas subiu de forma significativa em outros, como no Maranhão e Piauí (mais que 100%), Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba, partindo de números pequenos, e elevou-se também em grandes produtores, como Mato Grosso (242%) e Goiás (19%), com produção maior que a dos estados Nordestinos. No mesmo período, a produção nacional aumentou 2,3% e a do Nordeste reduziu-se em 2,7%, com evolução ano a ano muito semelhante em termos de tendência. A diferença é que houve quebras acentuadas, em relação ao ano anterior, em 2011/2012 e em 2015/2016, da ordem de 70% e 47% para o Nordeste e de 22% para o Brasil, que coincidem com dois anos críticos em termos de estiagem no Nordeste, e também de baixa na produção de Sudeste e Centro-Oeste.

Gráfico 1 – Evolução dos preços do feijão, em praças selecionadas, 2014-2018



Fonte: CMA (2018).

Tendências de mercado

O consumo de feijão sofre influência da sazonalidade: geralmente, cai entre os meses de dezembro e fevereiro, em razão das festas de fim de ano e férias escolares. Em abril, com a entrada da produção da safra da seca na comercialização, os preços se reduzem. Os hábitos alimentares mudaram juntamente com a rotina dos lares brasileiros, nas últimas décadas, com o consumo de grãos secos tendendo a se reduzir. O desenvolvimento de produtos prontos ou semiprontos à base de feijão, reduzindo o tempo de preparo, é uma tendência, muito embora o produto *in natura* seja ainda muito apreciado, principalmente pela população de renda mais baixa. A produção orgânica de feijão também tem conquistado espaço, devido à maior aceitação entre os consumidores, o que pode ser uma oportunidade para agricultores familiares. É necessária a assistência técnica qualificada para capacitar os produtores, não só na produção em si, como na legislação acerca dos orgânicos.

Tabela 2 – Produção de milho no Brasil, por regiões e estados selecionados

REGIAO/UF	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17 (*)	2017/18 (*)
NORTE	1.286,5	1.415,5	1.652,4	1.672,3	1.821,2	2.561,0	1.966,8	2.702,1	2.559,2
NORDESTE	4.273,6	6.128,0	4.364,0	4.859,8	7.574,5	6.243,1	3.435,4	6.681,3	7.274,6
MA	562,1	879,7	731,6	1.309,4	1.725,9	1.469,2	874,4	1.951,9	2.157,3
PI	353,6	705,1	787,2	542,8	1.029,4	1.064,3	739,5	1.386,3	1.585,3
CE	175,1	949,3	73,9	98,1	401,3	151,4	163,8	418,9	421,4
RN	9,2	49,4	2,6	4,7	20,5	7,5	7,7	10,2	18,5
PB	6,3	97,0	4,2	26,3	35,4	20,3	20,1	38,6	50,7
PE	125,6	190,9	24,1	15,8	94,0	58,2	22,2	54,6	98,7
AL	41,8	51,1	22,4	21,9	27,5	30,3	19,1	25,1	26,2
SE	722,8	928,1	543,7	941,5	1.058,2	668,5	140,7	812,0	596,3
BA	2.277,1	2.277,4	2.174,3	1.899,3	3.182,3	2.773,4	1.447,9	1.983,7	2.320,2
CENTRO-OESTE	16.906,8	17.315,6	31.116,3	35.910,6	35.053,8	39.582,1	28.244,4	48.873,7	45.332,6
MT	8.118,10	7.619,70	15.610,40	19.893,0	18.049,4	20.763,4	15.271,6	28.867,0	26.704,7
MS	3.737,3	3.423,2	6.576,4	7.820,7	8.179,6	9.282,9	6.269,5	9.870,6	9.029,6
GO	4.796,0	6.009,8	8.575,9	7.696,1	7.999,1	8.993,9	6.430,5	9.644,2	9.096,0
SUDESTE	10.715,6	10.952,3	12.800,0	12.677,7	10.728,4	11.061,2	9.794,3	12.447,9	12.300,7
MG	6.083,6	6.526,7	7.807,4	7.452,2	6.943,0	6.864,5	5.921,0	7.520,9	7.309,6
SP	4.540,3	4.327,0	4.901,2	5.150,8	3.714,6	4.166,2	3.828,5	4.883,3	4.949,9
SUL	22.835,6	21.595,5	23.046,8	26.385,3	24.873,8	25.225,0	23.089,7	27.137,8	21.740,5
PR	13.443,3	12.247,7	16.757,1	17.642,4	15.671,8	15.862,9	14.484,9	17.837,8	14.398,3
SC	3.798,4	3.571,5	2.947,0	3.359,4	3.485,0	3.189,1	2.712,1	3.263,2	2.514,4
RS	5.593,9	5.776,3	3.342,7	5.383,5	5.717,0	6.173,0	5.892,7	6.036,8	4.827,8
NORTE/NORDESTE	5.560,1	7.543,5	6.016,4	6.532,1	9.395,7	8.804,1	5.402,2	9.383,4	9.833,8
CENTRO/SUL	50.458,0	49.863,4	66.963,1	74.973,6	70.656,0	75.868,3	61.128,4	88.459,4	79.373,8
BRASIL	56.018,1	57.406,9	72.979,5	81.505,7	80.051,7	84.672,4	66.530,6	97.842,8	89.207,6

Fonte: CONAB (2018b).

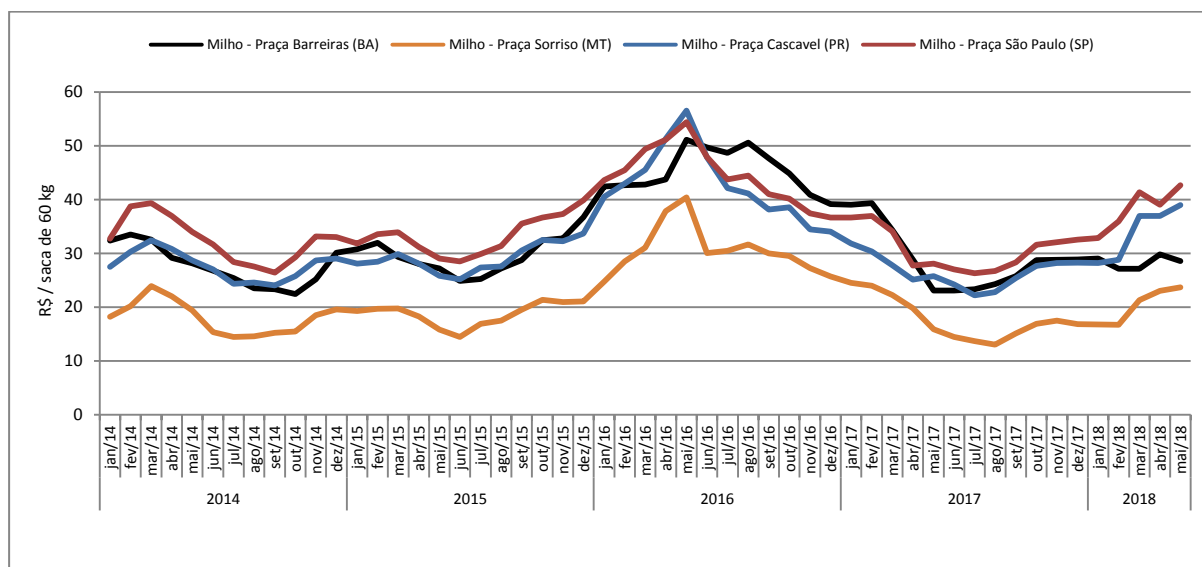
Nota: (*) previsão, em maio.

O Brasil deverá ter área de milho -5,4% menor que na safra 2016/2017 (17,6 milhões para 16,6 milhões de hectares), tendência de queda que se repete em quatro das cinco regiões (à exceção do Nordeste, com aumento de 3,5%). A grande produção na safra anterior fez com que as cotações caíssem, fazendo com que os produtores ajustassem a área, considerando também as pretensões de plantio da soja, que geralmente alcança melhores preços.

Com produção e área menores, a produtividade brasileira de milho deve cair 3,6% (de 5.562 kg/ha. para 5.359 kg/ha.), ao passo que a nordestina deve aumentar 5,2%, em razão da melhoria das produtividades nos maiores produtores (Bahia, Maranhão e Piauí). As maiores produtividades registradas são do Sudeste e Sul (acima de 6.000 t/ha.), a última que tem também o estado de maior produtividade no País, Santa Catarina, com 7.932 kg/ha. (-2,7% em relação à safra passada).

O destaque do Nordeste na produção de milho está no cerrado (Maranhão, Bahia e Piauí), encampado na região do Matopiba, além de algumas microrregiões que cultivam o milho em regime intensivo, como Sergipe, que, apesar de não possuir área de cerrado, tem a terceira maior previsão de produtividade da Região, de 3.467 kg/hectare. A produção de Sergipe é amparada por assistência técnica governamental eficiente e outros investimentos em infraestrutura, encarada como atividade econômica rentável, independentemente do porte do agricultor, e é a atividade que ocupa a maior área do Estado, 33,4% (88,6 mil hectares), segundo dados da Produção Agrícola Municipal.

Gráfico 2 – Evolução dos preços do milho, em praças selecionadas, 2014-2018



Fonte: CMA (2018).

Tendências de mercado

As perspectivas para o mercado do milho no Brasil são boas: a previsão para a safra atual (2017/2018), de 89,2 milhões, é a segunda maior na última década, perdendo somente para a safra recorde de 2016/2017 e 19,5% maior que a média dos anos anteriores da tabela 2. Para 2018/2019, o USDA (Departamento Agrícola Norte-Americano) prevê uma safra até maior, próxima da recorde, de 96 milhões de toneladas. As exportações continuam sendo representativas no escoamento da safra. Em março, foram recorde e totalizaram, no primeiro quadrimestre de 2018, 4,99 milhões de toneladas contra 2,3 milhões de toneladas no mesmo período de 2017, segundo dados da SECEX, refletindo os altos níveis de estoques da temporada passada. A alta do câmbio deve continuar favorecendo a competitividade do milho brasileiro no exterior.

Tabela 3 – Produção de soja no Brasil, por regiões e estados selecionados

REGIAO/UF	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17 (*)	2017/18 (*)
NORTE	1.691,7	1.977,2	2.172,2	2.661,5	3.391,3	4.289,5	3.818,9	5.536,4	5.873,8
NORDESTE	5.309,5	6.251,5	6.096,3	5.294,8	6.620,9	8.084,1	5.107,1	9.644,7	10.716,8
MA	1.330,6	1.599,7	1.650,6	1.685,9	1.823,7	2.069,6	1.250,2	2.473,3	2.931,2
PI	868,4	1.144,3	1.263,1	916,9	1.489,2	1.833,8	645,8	2.048,1	2.401,5
BA	3.110,5	3.507,5	3.182,6	2.692,0	3.308,0	4.180,7	3.211,1	5.123,3	5.384,1
CENTRO-OESTE	31.586,7	33.938,9	34.904,8	38.091,4	41.800,5	43.968,6	43.752,6	50.149,9	53.282,8
MT	18.766,9	20.412,2	21.849,0	23.532,8	26.441,6	28.018,6	26.030,7	30.513,5	31.887,3
MS	5.307,8	5.169,4	4.628,3	5.809,0	6.148,0	7.177,6	7.241,4	8.575,8	9.559,9
GO	7.342,6	8.181,6	8.251,5	8.562,9	8.994,9	8.625,1	10.249,5	10.819,1	11.582,5
SUDESTE	4.457,6	4.622,1	4.656,3	5.425,9	5.015,3	5.873,5	7.574,9	8.151,5	8.778,8
MG	2.871,5	2.913,6	3.058,7	3.374,8	3.327,0	3.507,0	4.731,1	5.067,2	5.376,0
SP	1.586,1	1.708,5	1.597,6	2.051,1	1.688,3	2.366,5	2.843,8	3.084,3	3.402,8
SUL	25.642,7	28.534,6	18.553,4	30.025,8	29.292,8	34.012,3	35.181,1	40.592,8	38.343,7
PR	14.078,7	15.424,1	10.941,9	15.912,4	14.780,7	17.210,5	16.844,5	19.586,3	19.069,6
SC	1.345,2	1.489,2	1.084,9	1.578,5	1.644,4	1.920,3	2.135,2	2.292,6	2.305,9
RS	10.218,8	11.621,3	6.526,6	12.534,9	12.867,7	14.881,5	16.201,4	18.713,9	16.968,2
NORTE/NORDESTE	7.001,2	8.228,7	8.268,5	7.956,3	10.012,2	12.373,6	8.926,0	15.181,1	16.590,6
CENTRO-SUL	61.687,0	67.095,6	58.114,5	73.543,1	76.108,6	83.854,4	86.508,6	98.894,2	100.405,3
BRASIL	68.688,2	75.324,3	66.383,0	81.499,4	86.120,8	96.228,0	95.434,6	114.075,3	116.995,9

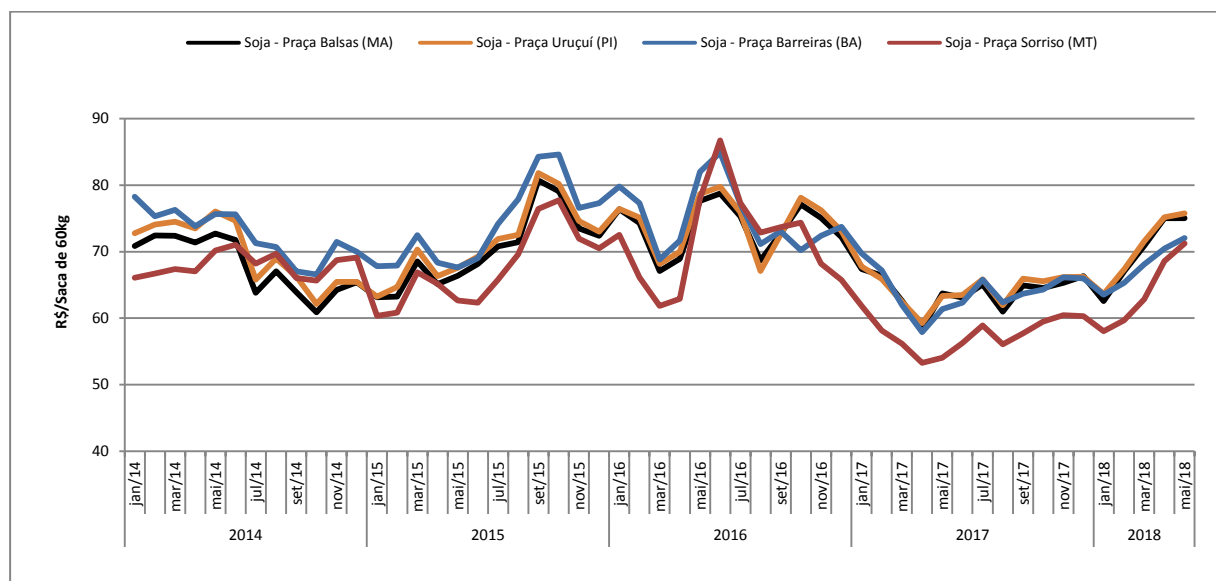
Fonte: CONAB (2018b).

Nota: (*) previsão, em maio.

Os principais entraves na cadeia produtiva da soja continuam sendo principalmente os infraestruturais: a armazenagem, ainda deficitária, visto que a produção cresceu a uma taxa muito maior; as distâncias percorridas durante o escoamento da produção e o estado precário de muitas das estradas, já que o transporte ferroviário e aquaviário são mínimos, onerando o frete; a ocorrência de veranicos durante a fase de crescimento da planta, comuns na Bahia e no Piauí, onde a instabilidade climática é maior.

Há para a soja (como para o milho) a questão dos impactos ambientais, resultantes da larga utilização de agrotóxicos e transgênicos, que matam não só os agentes relacionados à cultura, como os que fazem o combate natural das pragas; os impactos econômicos, resultantes da migração e desordenado crescimento das cidades situadas nas regiões produtoras nordestinas, cujo crescimento da infraestrutura de serviços (moradia, educação, saúde, saneamento e segurança) não acompanha o crescimento populacional.

Gráfico 3 – Evolução dos preços da soja em grão, em praças selecionadas, 2014-2018.



Fonte: CMA (2018).

Tendências de mercado

A maior parte da soja plantada no Brasil atualmente é transgênica (89%). Com isso, a soja convencional terminou se restringindo a um nicho de mercado, no qual poucas empresas ainda investem em melhoramento genético. É o contrário do que ocorre no exterior, onde o mercado busca, paulatinamente, produtos com soja convencional ou orgânica, especialmente para produção de leite e de alimentos para crianças e recém-nascidos, além da movimentação política para descrição e rotulagem de produtos com grãos geneticamente modificados.

A soja orgânica pode ser considerada outro nicho de mercado, que interessou a órgãos de pesquisa como a Embrapa, pelo aumento na demanda por tecnologias para seu cultivo, já que é mais saudável, por ser livre de agrotóxicos, não contaminar o meio ambiente e permitir a inclusão social de pequenos produtores. No entanto, ainda não há escala para produção de soja orgânica, mais comum no Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo e Goiás, mesmo tendo custo menor e valendo mais que a soja convencional. Ela também não é *commodity* na bolsa de Chicago.

O Brasil, que já é o maior exportador mundial de soja, pode ser tornar o maior produtor, já no próximo ano-safra (2018/2019), segundo dados do USDA, que apontam uma produção brasileira de 117 milhões de toneladas contra 116,5 milhões dos Estados Unidos.

Fonte: [Caderno Setorial ETENE](#).

Dicas para Sustentabilidade na Agropecuária

Você conhece a ILPF?

A Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF) é uma estratégia de produção que integra a produção agrícola, pecuária e florestal em uma mesma propriedade, podendo ser feita em cultivo consorciado, em sucessão ou em rotação, com benefícios mútuos para todas essas atividades, conforme informado na página da Embrapa sobre a ILPF.

Com a ILPF busca-se otimizar o uso da terra, com ganhos de produtividade, recuperação de solos, diversificação e melhorias na qualidade da produção, reduzindo a necessidade de abertura de novas áreas.

Alguns benefícios da ILPF são:

- Melhoria da qualidade e conservação das características produtivas do solo;
- Melhoria do bem-estar animal em decorrência do conforto térmico e melhor ambiência;
- Maior eficiência de utilização de recursos naturais;
- Aumento da produção de grãos, fibras, carne, leite e produtos madeireiros e não madeireiros;
- Redução da sazonalidade do uso da mão de obra;
- Flexibilidade, com possibilidade de adaptação para diferentes realidades produtivas.

Maiores informações na Página da Embrapa sobre ILPF, no endereço:

<https://www.embrapa.br/web/rede-ilpf>

No Banco do Nordeste, você pode financiar a implantação de sistemas de ILPF pelo Programa FNE Verde, venha conferir!

Maiores informações no endereço: <https://www.bnb.gov.br/programa-de-financiamento-a-sustentabilidade-ambiental-fne-verde>

Colaboração: Ambiente de Políticas de Desenvolvimento

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE | Economista-Chefe: Luiz Alberto Esteves. Gerente de Ambiente: Tibério Rômulo Romão Bernardo. Célula de Gestão de Informações Econômicas: Bruno Gabai (Gerente Executivo), José Wandemberg Rodrigues Almeida. AMBIENTE DE POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO | Gerente de Ambiente: José Rubens Dutra Mota. Célula de Meio Ambiente, Inovação e Responsabilidade Socioambiental: Kleber de Oliveira (Gerente Executivo), Mário Eduardo Fraga da Silva, Marta Maria Aguiar Sisnando Silva Projeto Gráfico: Gustavo Bezerra Carvalho. Revisão Vernacular: Hermano José Pinho. Estagiários: Antônio Kassy Monteiro Costa, Dalylla Soares de Azevedo. Jovem Aprendiz: Sarah Lucena Barros.

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. Os conceitos e opiniões emitidos nesse documento não refletem necessariamente o ponto de vista do BNB. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte.